

ACM: presidência do Senado difícil

PMDB reage e Fernando Henrique não dará o seu apoio

por Eliane Cantanhêde
de Brasília

25 OUT 1996

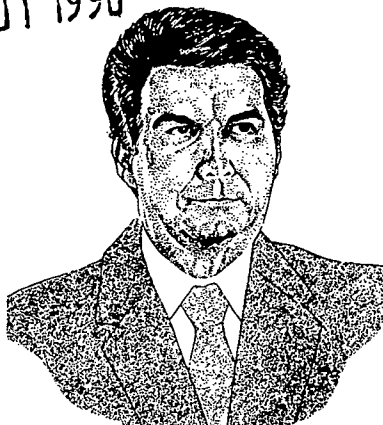
Fecha-se o cerco contra a candidatura do senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA) à presidência do Senado. Além da reação em contrário do PMDB, maior partido da Casa, a pretensão de ACM enfrenta discordâncias internas dentro do próprio PFL e não tem qualquer chance de ter o apoio do presidente Fernando Henrique Cardoso. Segundo fontes do governo, o presidente prefere até mesmo o senador Jádér Barbalho (PA), atual líder do PMDB.

Jádér tem conversado sistematicamente com Fernando Henrique e foi ao Palácio da Alvorada, na noite de quarta-feira, para relatar as reclamações generalizadas contra "o estilo" de ACM. Avisou que tudo será feito para uma solução negociada, mas que se não for possível, a intenção é ir às últimas consequências. O presidente deixou claro, na conversa, que não tem qualquer compromisso com a candidatura do senador pefelista.

Ir às últimas consequências significa deixar estourar a disputa no plenário, onde o voto para a presidência é secreto e, por isso, considerado contra Antônio Carlos. Mesmo os senadores que se sentissem intimidados pela força política ou pelo jeito de fazer política de ACM poderiam votar contra ele sem se identificarem. Antes do plenário, no entanto, o senador poderá encontrar resistências dentro de sua própria bancada. Os senadores Elcio Alvares (PFL-ES), líder do governo, e Hugo Napoleão (PI), líder do PFL, já deixaram isso claríssimo. Ambos colocaram suas pré-candidaturas, refletindo uma briga intestina de bom tamanho no partido.

"O presidente Fernando Henrique foi do Senado e lamenta o que está acontecendo", disse Jádér Barbalho, ontem à tarde, a este jornal. "Ele não será cabo eleitoral de nenhum dos candidatos, mas precisa estar bem informado sobre o que está acontecendo e sobre as consequências, porque, afinal, o presidente é o personagem principal de tudo isso", acrescentou.

Segundo Jádér Barbalho, "esse estilo Durango Kid do Antônio Carlos, de dizer 'retirem-se porque



Jádér Barbalho

eu cheguei', pode dar certo na Bahia, mas não aqui dentro do Senado". Ainda na sua opinião, um dos principais efeitos do processo será sobre os relacionamentos na base aliada ao governo. O que significa que podem respingar na tramitação da emenda da reeleição.

Um dos complicadores do jogo pesado para a presidência do Senado é o fato de ACM ser pai do presidente da Câmara, Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA), que ocupa um papel estratégico na tramitação da emenda. Com o PFL excluído da presidência do Senado, dificilmente aceitaria ceder a sucessão de Luís Eduardo para o PMDB.

Segundo fontes ligadas ao gover-

no, Fernando Henrique pode enfrentar dissabores aí. Luís Eduardo tem dito abertamente que não faz questão de ministérios na reforma de quadros do Executivo no próximo ano, mas não abre mão da eleição do pai no Senado. E, segundo essas fontes, Fernando Henrique prefere Jádér ou até o goiano Íris Rezende (PMDB) a Antônio Carlos.

Jádér está convencido, também, de que a posição do atual presidente, José Sarney, não poderia estar mais clara. Segundo ele, Sarney comunicou a Fernando Henrique, pessoalmente, que entre a candidatura de ACM, ex-ministro de seu governo, e a posição da bancada do seu partido, o PMDB, optaria pela segunda alternativa. No dia seguinte, fez questão de ser o primeiro signatário do documento pemedebista reivindicando a presidência, sob o argumento de que, pela tradição, ela cabe ao partido majoritário.

Uma forma de driblar essa barreira é o troca-troca de partidos entre senadores. Uma outra é a defendida pelo líder do PPB, Epitácio Cafeteira (MA): a formação de um bloco PFL-PPB, que poderia crescer, para apoiar ACM. Esse é um dos trunfos do senador baiano que, apesar das adversidades, tem uma boa lista de vitórias no seu currículo. Está longe de ser um candidato frágil.